



## POPULISMO: NOÇÕES GERAIS

José Claudio Monteiro de Brito Filho\*

**RESUMO:** Estudo que pretende discutir o fenômeno do populismo. Seu objetivo é apresentar os elementos básicos para a compreensão desse fenômeno tão comum na política. O texto, para isso, discute, primeiro, a natureza do populismo, se é ou não uma ideologia, uma doença da democracia ou, como querem alguns, como Mouffe, um modo de fazer política. Depois, apresenta os elementos do populismo, presentes em qualquer de suas manifestações, independentemente da forma como se apresenta, para, antes da conclusão, analisar o populismo em sua relação com a democracia e na perspectiva da justiça distributiva. Metodologicamente, é uma pesquisa teórico-filosófica, que utiliza a literatura disponível na busca das noções gerais do populismo, especialmente na perspectiva de seus elementos, de sua relação com a democracia, e com a distribuição de direitos. Como principais resultados alcançados, conclui-se ser o populismo uma patologia da democracia, não sendo uma teoria que apresente, de maneira uniforme, uma justa distribuição de direitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Populismo; Natureza; Elementos; Democracia; Distribuição de direitos.

*Populism: general notions*

**ABSTRACT:** Study that intends to discuss the phenomenon of populism. Its objective is to present the basic elements for understanding this phenomenon so common in politics. The text, for this, first discusses the nature of populism, whether or not it is an ideology, a disease of democracy or, as some like Mouffe want, a way of doing politics. Then, it presents the elements of populism, present in any of its manifestations, regardless of the way it is presented, to, before the conclusion, analyze populism in its relationship with democracy and in the perspective of distributive justice. Methodologically, it is a theoretical-philosophical research, which uses the available literature in the search for general notions of populism, especially in the perspective of its elements, its relationship with democracy, and the distribution of rights. As main results achieved, it is concluded that populism is a pathology of democracy, not being a theory that presents, in a uniform way, a fair distribution of rights.

**KEY WORDS:** Populism; Nature; Elements; Democracy; Distribution of rights.

---

\* Doutor em Direito das Relações Sociais pela PUC-SP. Pesquisa de Pós-doutorado no UniCEUB. Vice-Coordenador do PPGD/UFGA. Pesquisador Visitante da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 2022. Titular da Cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Direito do Trabalho.

[jclaudiobritofilho@gmail.com](mailto:jclaudiobritofilho@gmail.com).





## 1 INTRODUÇÃO

Responsável por grandes desastres na história ainda recente da humanidade, o populismo ronda os governos, independentemente do tamanho do país e de seu grau de desenvolvimento, servindo-se das crises para ganhar terreno.

No momento atual, assistimos a uma série relativamente extensa de países em que o populismo domina a cena política, normalmente com resultados desastrosos, mas, de alguma forma, tendo sucesso suficiente para prevalecer.

Compreender esse fenômeno, considerando seu sucesso e a frequência com que tem aparecido, então, é sempre relevante para quem se dedica a discutir a melhor forma de organização política e a mais justa forma de distribuir direitos.

Não, somente, a partir de seu uso comum, normalmente em perspectiva negativa, mas, tentando entender como se apresenta na Filosofia e na Ciência Política, a partir de seus elementos básicos.

É a proposta deste breve estudo que, embora não possa deixar de lado os exemplos, atuais, especialmente, de populismo, constitui-se em uma análise teórica, como base em estudos desenvolvidos a respeito da temática, dentre eles o conduzido por Bobbio, Matteucci e Pasquino, em *Dicionário da política* (2002), além de outros, como a obra coletiva organizada por Barata, Coutinho e Brito (2021).

Para isso, fugindo de uma tendência atual de fazer análises ideologicamente não neutras, centrada normalmente em autores com ideais similares, tentaremos buscar os elementos em autores de todas as tendências, com base, somente, na capacidade que têm seus estudos de elucidar um tema relevante, mas que, nem sempre recebe o tratamento científico adequado. Isso não quer dizer que a avaliação é acrítica. Não, a proposta é compreender o populismo, apontar seus aspectos importantes, e analisar o que isso, ao final, representa.

Para tal, depois desta introdução discutimos, primeiro, a natureza do populismo e, em seguida, os elementos que caracterizam o fenômeno. Estabelecidas essas bases analisamos a relação do populismo com a democracia e com a distribuição de direitos e, finalizamos com uma conclusão.

## 2 NATUREZA DO POPULISMO

Para termos, desde logo, uma ideia de quão amplo pode ser o fenômeno que estamos a tratar, ou o seu uso, Brito (2021, p. 207), em texto denominado *A inevitabilidade do populismo*, afirma que este:

[...] corresponde a um estilo cada vez mais usado pelos movimentos de protesto, mas também pelos políticos convencionais, e que se caracteriza pela substituição tendencial de um discurso estruturado pelas velhas demarcações ideológicas entre esquerda e direita por um discurso baseado na defesa dos anseios do ‘povo’ contra os interesses constituídos.





Caso pensemos nessas duas possibilidades, estamos diante de duas hipóteses que tornam o populismo um fenômeno de difícil classificação, pois, ao lado de ser visto como uma forma de exercício do poder, é, também, uma maneira de obtenção do poder, sem que isso implique em um exercício em iguais termos, ao menos para além da esfera do discurso.

A prática, de qualquer sorte, parece confirmar a afirmação de Brito, assim como a proposição de Bobbio, Matteucci e Pasquino (2002, p. 980), que indicam como populistas “[...] as fórmulas políticas cuja fonte principal de inspiração é o povo, considerado como agregado social homogêneo e como exclusivo depositário de valores positivos, específicos e permanentes”. Isso se entendermos que é populista toda prática que tem por base o povo e seus desejos, seus anseios<sup>1</sup>.

Tal ultrapassa até o que nos parece ser quase um consenso, de que o populismo não está preso a ideologias específicas, mais servindo-se dessas ideologias para dar legitimidade a um determinado projeto de poder. É o que parecem indicar Bobbio, Matteucci e Pasquino (2002, p. 982-984), quando mostram a ligação do populismo com diversas ideologias, via de regra nos extremos à direita e à esquerda. Não teríamos, então, um populismo, mas, populismos, o que leva os mesmos autores (2002, p. 985), em uma tipologia do fenômeno, a indicar três categorias: nacional-populistas (p.ex: fascismo e peronismo), populistas revolucionários (v.g: stalinismo e castrismo) e populistas democráticos ou pluralistas — estes os mais amplos, com os autores citando exemplos em Israel, Índia e Itália.

Já Silva (2021, p. 54) subdivide o populismo em quatro tipos básicos: populismo de extrema-direita associado à ideologia fascista; populismo de direita radical associado às ideologias liberal e conservadora; populismo de esquerda radical associado à ideologia socialista; e, populismos de esquerda radical associado à ideologia comunista.

Com essa noção de que existem populismos concorda Bento (2021, p. 71) que, além de afirmar que usar o vocábulo populismo é um falso universal, registra que pensar a ideia como “[...] um denominador comum conceptualmente unívoco e coerente não é nem cientificamente correta nem politicamente consequente”. Concordamos e, por isso, registramos que, ao mencionarmos o fenômeno como populismo, no singular, neste texto, fazemos sem deixar de levar em consideração que ele se apresenta com diferentes facetas, embora com elementos, pensamos, genericamente, comuns, como veremos adiante.

De igual modo, o populismo não é uma ideologia. É como entende Canas (2020, p. 16-17) que, depois de apresentar as ideologias como “[...] conjuntos articulados e sistemáticos de ideias, argumentos [, e que são] instrumentais para obter a adesão dos indivíduos na base da reflexão racional”, afirma que o populismo não tem esse conjunto articulado, é imediatista e explora emoções.

Esse o pensamento de Chantal Mouffe, a quem criticaremos mais adiante, mas que, seguramente, conhece o fenômeno. Para essa autora (MOUFFE, 2019, p. 20), o populismo não deve ser considerado uma ideologia, nem tem um conteúdo programático determinado, tratando-se “[...] de um modo de fazer política que pode ter diferentes formas ideológicas, de acordo com o tempo e o lugar, compatível com diversas estruturas institucionais”.

Acreditamos que têm razão. O que o populismo faz é mimetizar, quando é conveniente, outras ideologias, até para dar sustentação à relação que o populista, quer

---

<sup>1</sup> Faremos, mais adiante, quando tratarmos dos elementos do populismo, uma discussão a respeito da ideia de povo para este fenômeno.



um indivíduo que é um líder de massas, quer um partido, pretende ter com o povo, em nome da luta contra o inimigo comum. As ideologias, então, servem para dar unidade ao discurso populista, atraindo a atenção do(s) grupo(s) que formarão o que se denomina de povo, aglutinando-os.

Seria, por outro lado, uma ideologia fraca, como propõe Mudde (2022) que, em tradução livre do texto, considera o populismo uma “ideologia raquítica” por tratar de somente uma parte da agenda política, não tendo uma opção única para a melhor forma de a sociedade se organizar econômica ou politicamente, por exemplo? Silva (2021, p. 54), por seu turno, e nessa linha, sustenta que o populismo é uma “ideologia de baixa densidade que através de seus conceitos nucleares de povo, elite e vontade geral se conecta com ideologias hospedeiras mais densas e emerge como um fenômeno populista”.

Não obstante os fundamentos apresentados, novamente concordamos com Canas (2020, p. 17), que afirma que a noção apresentada, especificamente, em seu texto, por Mudde, torna-se de difícil aceitação porque, ainda que em uma forma fraca, não haveria como mostrar — de forma única, acrescentamos — quais seriam “[...] exatamente os elementos basilares dessa ideologia”.

Silva até, de certo modo, contraria esse último argumento, fundando a noção de uma ideologia com baixa densidade em três elementos: povo, elite e vontade geral. O problema que vemos aqui, todavia, é outro. É que, embora os elementos do populismo, como iremos ver mais adiante, no próximo item, sejam idênticos, eles têm como pano de fundo, em cada populismo, visões completamente distintas de mundo, o que, pensamos, impede o reconhecimento de uma ideologia, ainda que fraca.

Queremos, todavia, ressaltar — de novo — que, ao contrário do que entendem Bobbio, Matteucci e Pasquino, como vimos acima e na forma como os lemos, não acreditamos que líderes e partidos populistas assim sejam a partir de uma ideologia que professam, e que orientaria suas ações, seu modo de se inserir na vida política. Não! Quando falamos em mimetizar, falamos no sentido de buscar parecer com, não de ser, ao mesmo tempo em que adotam uma retórica populista.

Para que isso fique mais claro, exemplificamos com Chávez, na Venezuela<sup>2</sup>, que, a pretexto de adotar o socialismo, era somente alguém que usava essa ideia como forma de mascarar seu próprio projeto de poder, na forma de personificação do povo contras as elites. Implantar o socialismo, pensamos, jamais esteve nos planos do populista venezuelano; serviu apenas para alcançar seu objetivo pessoal. Isso, parece-nos, acontece no Brasil atual com Lula<sup>3</sup>, que não é seguramente um socialista, e com Bolsonaro<sup>4</sup>, que usa a ideia do conservadorismo somente porque é a que mais lhe convém. O que ambos têm é um projeto pessoal de poder, e a vontade de condicionar a atuação do Estado e da sociedade nos termos e limites de seus projetos. Somente servem-se das ideias que pertencem a ideologias específicas, e quando lhes interessa, especialmente o primeiro, porque isso ajuda a reforçar o que querem dizer àqueles que pretendem seja o agrupamento de pessoas (o “povo”) que vão se projetar neste ou naquele líder político.

Mas, se o populismo não é uma ideologia, o que ele é, então?

Para Mouffe, já vimos acima, é um modo de fazer política.

<sup>2</sup> Hugo Chávez foi presidente da Venezuela de 2 de fevereiro de 1999 a 5 março de 2013

<sup>3</sup> Luiz Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil de 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2010.

<sup>4</sup> Jair Messias Bolsonaro é o presidente do Brasil de 1º de janeiro de 2019 até 31 de dezembro de 2022. É candidato à reeleição.



Já Barata (2021, p. 47-51), em visão mais negativa, depois de indicar que a tendência mais habitual é classificar o populismo como uma patologia da democracia, prefere trabalhar com a perspectiva de que o populismo seja um problema da democracia contemporânea, e indica quatro possibilidades: em primeiro lugar, como uma resposta a um déficit de democracia, ou seja, a uma democracia em que o povo cada vez menos participa; em segundo lugar, não como uma resposta, mas, como um sintoma da patologia que é o populismo; terceiro, não como uma patologia, e sim como uma mutação histórica; e quarto, em que o populismo não seria uma mal-estar da democracia, e sim um mal-estar com a democracia em si.

A esse respeito, não obstante tendamos a concordar com a análise, de forma geral, especialmente com as duas primeiras perspectivas, que nos parecem mais adequadas, não endossamos todas as conclusões.

O populismo tem-se acentuado nos últimos tempos, por diversas circunstâncias — embora sem resultar, ainda, nas barbaridades de outrora, em termos quantitativos —, que têm relação com o maior acesso à informação, que pode ser boa ou ruim, com a piora das condições de vida, e até mesmo com a retroalimentação dos fatores que levam sucesso a esse fenômeno<sup>5</sup>.

Ele também me parece ser, principalmente no caso do populismo de esquerda, uma forma de dar vida à proposta marxista de outra forma que não a pensada por Marx, criando um modelo de organização da sociedade que elimina boa parte das bases das democracias liberais, especialmente as decorrentes do ideal político da liberdade, e ainda solapa a forma capitalista de organizar a produção, tornando o Estado um importante *player* da atividade econômica, embora esteja mais do que claro que, salvo em condições especiais e em atividades em que isso seja, de fato, necessário, o que disso resulta é desperdício de recursos e ineficiência.

Mais do que isso, como dissemos acima, nesse modelo de organização da sociedade que é proposto, especialmente, por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, os dois considerados pós-marxistas, até a proposta de Marx seria alterada, pois teríamos um socialismo ao contrário, em que as decisões viriam de cima para baixo, e não ao contrário, a partir das bases, e que não mais seria um momento de transição a uma sociedade sem Estado, mas, um fim em si mesmo.

Mouffe (2019, p. 17), por exemplo, defende que o eixo do conflito político nos próximos anos ocorrerá entre populistas de direita e de esquerda, havendo a necessidade de construir um “povo” (a autora escreve a palavra entre aspas) que esteja mobilizado a partir das noções de igualdade e justiça social.

E essa autora, um pouco antes (MOUFFE, 2019, p. 14-15), já indica que o comunismo deve ser visto como um mito, ou seja, que a ideia final da proposta marxista, de “[...] uma sociedade transparente e reconciliada — claramente implicando o fim da política”, é algo a ser abandonado.

Para Villacañas (2021, p. 161-162), o que Laclau e Mouffe fizeram foi acelerar a crise do marxismo, embora por meio de ideias que consideram ser herdeiras do pensamento de Marx.

---

<sup>5</sup> O populismo tende a destruir as bases do Estado, causando ruína, e isso torna difícil a reconstrução deste por lideranças democráticas, independentemente do matiz ideológico, às vezes até por falta de competência para administrar, e isso motiva um novo sucesso populista. É o que denominamos, acima, de retroalimentação.



Em verdade, sendo bem realistas, parece-nos que o que os dois autores propõem é a materialização, também na teoria, do que foi a prática do socialismo real, em que a regra é uma forma de organização da sociedade dependente de um líder — amparado por uma estrutura partidária forte e única — que, a pretexto de representar os anseios da base, governa de forma autoritária, a partir do que julga ser os interesses dos grupos que com ele, o populista, identificam-se, e com a eliminação de toda e qualquer oposição interna<sup>6</sup>.

Importante observarmos a respeito do populismo de esquerda que, em países que se pretendem e indicam como democráticos e em que não há a implantação de um novo modelo político-econômico, o foco — até por dificuldades que os partidos desse espectro político passaram a ter com seu público original, os trabalhadores, especialmente os antigamente chamados de trabalhadores qualificados — desviou-se em larga medida para grupos um pouco diversos, que são os totalmente excluídos, ou por razão de identidade<sup>7</sup> ou por razão de privação extrema, sendo, os primeiros, grupos que se têm mostrado mais simples de fidelizar, e os últimos um grupo que, até pela situação de absoluta miséria e desespero que possuem, oscila entre propostos populistas de direita e de esquerda<sup>8</sup>.

De qualquer sorte, segundo Sá (2021b, p. 35), continua sendo o “povo simples” contrapondo-se às elites, quer seja aquela que detém os recursos, quer seja aquela que rejeita todo e qualquer diferente de uma visão “standard” da representação “normal” das pessoas.

Não seriam, então, somente problemas surgidos nas democracias que gerariam o fenômeno populista, e sim, também, um ataque direto à própria democracia, na tentativa de impor um modelo que, na prática, não deu certo, até porque um dos seus pressupostos, o do ser humano totalmente desinteressado em si mesmo, não é factível, não é real<sup>9</sup>.

Vistas essas questões, importantes para a compreensão do fenômeno do populismo, passaremos, no item a seguir, a discutir os elementos do populismo

### 3 ELEMENTOS DO POPULISMO

Iniciamos esse item explicando o que estamos denominando de elementos do populismo. Isso para que fique claro que discutiremos todos os aspectos que afloram das experiências populistas, e que não estamos falando, então, somente dos sujeitos do populismo, que são o líder populista, ou simplesmente, o populista; o povo; e as elites ou, sendo mais amplo, o grupo que recebe a caracterização de inimigo do povo. Mais do que isso, dentro do que denominamos elementos do populismo trabalharemos, embora de forma sucinta, o que esse texto comporta, o discurso populista. Por fim, falaremos do autoritarismo, que acreditamos ser uma característica própria desse fenômeno

O primeiro elemento do populismo é quem identificamos como populista, que pode ser um indivíduo que se mostra como um líder capaz de aglutinar em torno de si um

<sup>6</sup> Pegue os exemplos de Josef Stalin, que governou a União Soviética mais ou menos de 1922 até a sua morte, em 1953, e de Fidel Castro, que dirigiu Cuba de 1959 até 2008, quando se afastou por motivos de idade e saúde, deixando em seu lugar o irmão, Raúl.

<sup>7</sup> Sá (2021a, p. 119), falando do populismo de esquerda, e de sua estratégia, afirma de forma clara e crua, o que se verifica aqui no Brasil: “[t]rata-se de ocupar as universidades, a indústria cultural e os centros midiáticos para cinhar na sociedade uma ‘visão do mundo’ forjada à medida dos desejos e idiossincrasias de indivíduos e grupos que, com demasiada frequência, habitam em larga medida fora dela”.

<sup>8</sup> Mouffe (2019, p. 14), a propósito, deixa claro que a esquerda desviou-se para outros grupos que não a classe operária, embora, segundo ela, sem deixar das costas a ela.

<sup>9</sup> Ver a respeito o nosso livro **Justiça: temas de liberalismo igualitário** (2021a, p. 53-60)



grupo numeroso de pessoas, ou um partido político, que também incorpora essa capacidade de aglutinação. Por isso podemos chamá-lo, também, de líder, ainda que no caso de um partido, porque é preciso que seja alguém ou um ente, repetimos, capaz de concentrar em si um agrupamento numeroso de pessoas, ou seja, quem tenha uma posição de liderança e carisma suficientes para ser visto como a encarnação dos ideais das pessoas que compõem o agrupamento que é denominado como povo, ou, mais, ainda, especialmente no caso do indivíduo que é denominado de populista, capaz de levar as pessoas a se projetarem nessa pessoa.

O que é importante, todavia, é ressaltar que esse líder, o populista, não é visto somente como um representante do povo, que é o elemento de que trataremos adiante, e sim como o próprio povo. O populista encarna o povo, não somente é o seu representante. Como registra Aurélio (2021, p. 135), “À semelhança do monarca hobbesiano, o líder não representa, o líder é o povo”.

Ainda em relação ao populista, registramos que o mais comum é que ele seja um indivíduo, uma pessoa, ainda que amparado por uma estrutura partidária forte, como é o caso, no Brasil, de Lula e do Partido dos Trabalhadores. É que, e isso é claro no populismo, o líder tende a se eternizar, havendo, quando acontece, sua substituição por alguém, ainda que dentro de uma estrutura partidária forte, com igual propósito.

Parece-nos por isso que, o partido, no mais das vezes, incorpora-se ao discurso populista, tal como as ideologias, para dar consistência ao projeto de um determinado indivíduo.

Em sentido contrário temos o exemplo de Bolsonaro, que se tem vinculado a partidos, desde que partiu para um patamar mais alto, de deputado federal para a presidência, primeiro o PSL, agora o PL, mais por uma exigência eleitoral. É ele quem importa, pois é ele quem estabelece com o grupo que nele se projeta essa ligação que permite o sucesso do populismo.

Quanto ao povo, note-se que não devemos pensá-lo como um todo unitário, pois, o que ele significa, para o populista, é uma massa que se torna homogênea em torno de uma ideia difusa de combater um grupo ou grupos que impedem que tenham uma vida melhor. Não são todas as pessoas, e sim um conjunto de pessoas em quantidade suficiente para levar o populista ao poder e lá mantê-lo. Por isso, como afirma Sá (2021b, p. 38):

[...] tanto pode ser imaginado como uma espécie de coligação de minorias vitimadas por preconceitos e discriminação, segundo o imaginário populista da esquerda, como pode ser representado como as ‘pessoas reais’ ou a ‘vida real’ das pessoas concretas, tal como as invoca a direita.

Ainda a respeito, Moreira (2007, p. 396), depois de registrar que é comum, em diversas áreas e circunstâncias, exemplificando, que se utilize o vocábulo povo em situações que não abrangem a totalidade da população, afirma que: “[...] em geral não é ao povo, como entidade global e supostamente homogênea, que se endereça a política populista”, afirmando que ela se aproveita de brechas, por diferenças sócio-econômicas, distinções multirraciais, divergências religiosas, entre outras.

Agora, não se deve pensar no povo do populismo, uma vez que ele é corporificado, materializado, como, para o populista, somente um agrupamento, como uma parte de um todo. A ideia, no populismo, é representá-lo como a própria imagem de toda a sociedade, excluída a elite contra quem ele luta, pelas mãos do populista.



Para Aurélio (2021, p. 130-131), em igual sentido, sempre há um sujeito coletivo referenciado em todos os populismos, que seria dotado de uma vontade que estaria acima dos interesses individuais, particulares, e em confronto com uma minoria que lhe usurpava os direitos.

E o que liga o populista, quer seja um líder de massas, como Lula e Bolsonaro, quer seja um partido, como o Partido Justicialista, na Argentina, ao povo?

Uma contraposição entre seus apoiadores — e que o populista encarna —, e as elites, composta de minorias que detêm privilégios, na visão de Sá (2021, p. 35).

E isso acontece em torno de temas capazes de gerar uma resposta veemente dos grupos que vão compor o “povo” do populismo. Um exemplo disso pode ser encontrado em um texto de Walzer, em capítulo denominado Política e paixão (2008, p. 161). Diz o autor:

Há um problema oculto no centro das atuais discussões sobre o nacionalismo, a política de identidade e o fundamentalismo religioso. Esse problema é a paixão. Os adversários desses fenômenos temem a retórica veemente, o engajamento impensado e a ira contra os opositores, que eles associam ao surgimento dos homens e mulheres impetuosos na arena política. Associam a paixão à identificação coletiva e à crença religiosa — ambas as quais levam as pessoas a agir de maneira que não podem ser previstas por nenhuma explicação racional de seus interesses e que não decorrem de nenhum conjunto de princípios racionalmente defensáveis.

Embora em um contexto de discussão mais ampla do que a que Walzer está fazendo, discutindo o liberalismo e as correções que nele podem ser feitos pela proposta comunitarista, é fácil identificar como o populismo se liga à coletividade que o populista, líder ou partido, vai encarnar. Ele se liga a partir de temas capazes de criar, nas pessoas, um sentimento de injustiça e de oposição à elite, que é o grupo que vai ser indicado, de forma concreta ou não, como o responsável pelo sentimento de contrariedade do povo.

Importante observar, como registra, novamente, Sá (2021b, p. 32), que o populista não enxerga seu adversário, a(s) elite(s), como alguém que tem posições distintas, e que não seriam as melhores para conduzir os destinos da sociedade e distribuir direitos, e sim como um detentor de privilégios. A lógica então não é a de mostrar uma nova opção, e sim a de criar um ambiente de hostilidade contra quem deve ser visto como inimigo. É inimigo do “povo” (aspas para identificar o povo no populismo) que o populista encarna, mais do que representa.

Ainda em relação ao discurso populista, ele, já vimos, não é monolítico, único. Pelo contrário, ele muda de acordo com o que o populista entende que seja melhor para explorar a ira e as mágoas do povo contra um grupo considerado seu inimigo. É o que Barata (2021, p. 66) denomina de “ressentimentos concretos distintos” e que, por isso, segundo o autor, elimina a possibilidade de estar em curso, nesse caso mirando no grupo mais conservador que se tem mostrado o povo do populismo de direita em alguns países, uma “internacional populista”, ou seja, de um agrupamento que vá para além das fronteiras de um determinado Estado, até porque, para ele, e voltando ao elemento povo, discutido acima, no populismo sempre existe a tentativa de “corporificar um povo nacional” (BARATA, 2021, p. 67).



No que diz respeito às elites, é importante registrarmos que o vocábulo está no plural porque é preciso que fique claro que, no populismo, a elite representa o grupo que será indicado como o inimigo do povo, que o populista pretende encarnar. Assim, pode ser uma elite econômica, pode ser uma elite política, pode ser composta por altos funcionários do governo, por agentes políticos etc. Em comum podemos dizer que os integrantes de qualquer desses grupos representam, no discurso populista, aqueles que são vistos como detentores de alguma forma de poder e que impedem as demais pessoas de terem seus direitos e desejos satisfeitos.

E pouco importa se isto é real, ou não, pois, à semelhança do estereótipo, fenômeno negativo no processo de percepção de pessoas<sup>10</sup>, o que se pretende é obter uma avaliação negativa dos integrantes daquele grupo, dando força e veracidade ao discurso do populista.

A respeito dessa multiplicidade de elites, vejamos a correta observação de Pinto (2017, p. 48):

Assim, a colocação da palavra elite no singular, mas a referência a uma realidade plural, procura transmitir a ideia segundo a qual esta investigação encara o conceito, ou seja, o uso do singular não compagina — bem pelo contrário — que este segmento ou estrato social faça prova de homogeneidade.

Importante registrar que as elites constituem um elemento importante no populismo, pois, são elas, imaginárias ou não, detentoras de poder ou não, que dão ao discurso populista o inimigo que ele precisa.

Por fim, temos o autoritarismo que caracteriza o discurso e a prática populista. Como tentaremos demonstrar no item a seguir, o populismo, aqui usando a ideia de Mouffe, visto como um modo de fazer política, sempre importará em um governo em que prevalecerá a visão do líder a respeito de como o Estado deve ser organizado, e da forma como entende deve ser a distribuição de direitos, e isso significa adotar uma forma peculiar e pessoal de propor e administrar a coisa pública.

E essa postura autoritária é natural, dada a forma como o populista agrega as pessoas, sempre com um discurso forte e de confronto, o que a torna não democrática e, como também veremos a seguir, injusta sob a perspectiva de uma distribuição equitativa de direitos.

#### **4 POPULISMO, DEMOCRACIA E DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS**

Devemos iniciar este item fazendo a necessária relação entre a democracia e o populismo. Como vimos no item 2, é possível encarar o populismo de duas formas: como uma patologia das democracias liberais, e como uma ameaça à democracia.

Nos dois casos, por óbvio, o populismo faz mal à democracia, ou por agir enfraquecendo as bases da democracia, atuando contra o que se costuma chamar de regras de ouro das democracias constitucionais, ou por pretender a sua eliminação.

No primeiro caso, lembremos que o que caracteriza melhor as democracias constitucionais são, inicialmente, a regra da maioria, quando é o resultado de um processo político igualitário, e em que se pressupõe que o arranjo na ocupação dos postos no

<sup>10</sup> Ver, a respeito do estereótipo e dos outros fenômenos negativos no processo de percepção de pessoas, os nossos discriminação no trabalho (2002) e Ações afirmativas (2016).



Parlamento e no Executivo é justo, estando autorizados os eleitos a atuar de acordo com o pensamento da maioria, nas questões sensíveis à escolha.

Depois, o respeito à vontade da coletividade expressado no tocante ao que temos convencionado chamar de Acordo básico, e que diz respeito a questões tidas como essenciais e que não podem ser objeto de deliberação tendente a eliminá-las e, em certos casos, até de as reduzir, sendo consideradas insensíveis à escolha<sup>11</sup>.

E como o populismo atua para enfraquecer essas bases? No caso da regra da maioria, tentando, por meio de artifícios, enfraquecer a liberdade de escolha que caracteriza um processo político igualitário. Um exemplo é a tentativa, cada vez mais frequente, de tentar influenciar os eleitores a partir de uma propaganda agressiva e baseada em fatos de veracidade duvidosa, as chamadas ‘fake News’.

Na hipótese do respeito ao Acordo Básico, tentando reduzir o alcance dos direitos fundamentais garantidos a todos, quer aqueles que são considerados incompatíveis com a ideologia que o populista mimetiza, como é o caso dos direitos sociais, considerados um entrave ao desenvolvimento e ao livre mercado, na hipótese do populismo de direita, ou, em todos os casos de populismo, com a tentativa de redução dos direitos de liberdade, até porque são incompatíveis, ao menos o seu exercício pleno, com as propostas autoritárias que caracterizam todos os populismos.

No segundo caso porque, como a proposta é eliminar a democracia, implantando em seu lugar um regime autoritário, como terminou sucedendo na Venezuela, por exemplo, e usando uma hipótese recente, não se trata mais, somente, de fazer a democracia adoecer, e sim em implantar um novo modelo de organização da sociedade, a partir de um regime de força.

Em relação à distribuição de direitos, tanto o populismo de direita quanto o de esquerda não parecem, na teoria ou na prática, capazes de fazer uma distribuição justa de direitos.

É que as propostas populistas não estabelecem uma sistemática de distribuição de direitos a partir de princípios previamente definidos, até porque dependem da forma como o populista, quer seja um indivíduo, que seja um partido, entenda que deva ser feita essa distribuição.

É que, como vemos o populista, sua proposta é sempre a de manutenção do poder pelo poder, para que possa impor sua forma de organização da sociedade e distribuição de direitos, ou seja, sem que isto seja vinculado a uma forma determinada de organização da sociedade. Nesse sentido, são as circunstâncias que determinarão que direitos serão distribuídos, e como, sem que lhe preocupe que ela seja incluyente, ou que traga justiça social, muito menos que favoreça uma relação harmônica e duradoura.

Além do mais, como o populismo caracteriza-se por ser uma proposta de extremo confronto, sendo manejada sempre a partir de extremos, quer seja à direita ou à esquerda, está claro que o ideal político da liberdade é visto com uma importância menor que o que possui nas democracias liberais, pairando, sempre, a ameaça da redução dos direitos decorrentes desse ideal.

A autocontenção das liberdades, dessa feita, extrapola o que é considerado razoável nas democracias liberais, que são o dano (MILL, 2006), o respeito a um sistema geral de liberdades (RAWLS, 2008), e o respeito aos interesses mais pertinentes à

---

<sup>11</sup> Ver mais a respeito com Dworkin, no capítulo 4 de A virtude soberana (2011), e no capítulo 18 de A raposa e o porco-espinho (2014), até porque o autor é a principal referência para a discussão que aqui colocamos.



coletividade, quando devam prevalecer (DWORKIN, 2011)<sup>12</sup>. Pode, até, chegar a extremos em caso da implantação de regimes de força, como já exemplificamos.

Feitas essas considerações, entendemos que é possível concluir.

## 5 CONCLUSÃO

O populismo, que deve ser entendido como um modo de fazer política, ou como um modo de tomar o poder, até implantando, em casos mais graves, regimes de força, é um fenômeno que tem ganhado bastante espaço nos últimos anos, tanto à direita como à esquerda.

Nele, o populista, que aparece como a projeção dos integrantes do grupo que o sustenta, e que é denominado genericamente como povo, busca o poder e o exerce a partir de um discurso de confronto e com nítido caráter autoritário, contra o grupo — ou grupos — que, na sua retórica, é(são) detentor(es) de privilégios, e que é visto como uma elite, ou elites.

Considerado uma patologia da democracia, por enfraquecer suas bases mais importantes, ou até eliminá-la, o populismo deve ser visto como um fenômeno negativo, não somente porque, como dito, solapa o modo de organização adotado nas democracias liberais, mas também porque é incapaz de propor um modelo justo, estável e duradouro de distribuição de direitos.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Diogo Pires. O povo do populismo. In BARATA, André, COUTINHO, Luís Pereira e BRITO, Miguel Nogueira de (Orgs.). **Populismo e democracia**. Lisboa – Portugal: Edições 70, p. 129-160, 2021.

BARATA, André. Populismo, democracia a transformação. In BARATA, André, COUTINHO, Luís Pereira e BRITO, Miguel Nogueira de (Orgs.). **Populismo e democracia**. Lisboa – Portugal: Edições 70, p. 47-69, 2021.

BENTO, Antônio. Foi você que disse “populismo”? In BARATA, André, COUTINHO, Luís Pereira e BRITO, Miguel Nogueira de (Orgs.). **Populismo e democracia**. Lisboa – Portugal: Edições 70, p. 71-97, 2021.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 12 ed. Tradução de Carmen C. Varriale e outros. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. V. 2.

BRITO FILHO, José Claudio Monteiro de. **Discriminação no trabalho**. São Paulo: LTr, 2002.

---

<sup>12</sup> Para compreender mais essas possibilidades de restrição às liberdades e aos direitos de liberdade sugerimos ver o nosso Liberdades, pandemia e Poder Judiciário: atuação do Supremo Tribunal Federal (2021b).



BRITO FILHO, José Claudio Monteiro de. **Ações afirmativas**. 4.ed. São Paulo: LTr, 2016.

BRITO FILHO, José Claudio Monteiro de. **Justiça**: temas de liberalismo igualitário. Brasília; Editora Venturoli, 2021a.

BRITO FILHO, José Claudio Monteiro de. Liberdades, pandemia e Poder Judiciário: atuação do Supremo Tribunal Federal. **Revista do Tribunal de Justiça do Estado do Pará** (1963), v. 75, p. 347-354, 2021b.

BRITO, Miguel Nogueira de. A inevitabilidade do populismo. **In** BARATA, André, COUTINHO, Luís Pereira e BRITO, Miguel Nogueira de (Orgs.). **Populismo e democracia**. Lisboa – Portugal: Edições 70, p. 207-261, 2021.

CANAS, Vitalino. Populismo: componente endêmica da democracia de partidos. **In**: CANAS, Vitalino (coord.). **Estudos sobre populismo**: uma perspectiva panorâmica. Lisboa – Portugal: AAFDL Editora, p. 13-47, 2020.

DWORKIN, Ronald. **A virtude soberana**: a teoria e a prática da igualdade. Tradução de Jussara Simões. 2ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

DWORKIN, Ronald. **A raposa e o porco-espinho**: justiça e valor. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2014.

MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. Lisboa – Portugal: Edições 70. 2006.

MOREIRA, José Carlos Barbosa. **Temas de direito processual**: (nona série). São Paulo: Saraiva, 2007.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. Ebook: autonomia Literária, 2019.

MUDDE, CAS. **Populism in the twenty-first century: an liberal democratic response to undemocratic liberalism**. Disponível em [www.amc.sas.openn.edu](http://www.amc.sas.openn.edu). Acesso em 25 de maio de 2022.

PINTO, José Felipe. **Populismo e democracia**: dinâmicas populistas na União Europeia. Lisboa – Portugal: Edições Sílabo, 2017.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. 3ed. Tradução de Jussara Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SÁ, Alexandre Franco de. **Ideias sem centro**: esquerda a direita no populismo contemporâneo. Alfragide – Portugal: DomQuixote, 2021a.

SÁ, Alexandre Franco de. Populismo e liberalismo: entre direita conservadora e esquerda progressista. **In** BARATA, André, COUTINHO, Luís Pereira e BRITO,





Miguel Nogueira de (Orgs.). **Populismo e democracia**. Lisboa – Portugal: Edições 70, p. 17-45, 2021b.

SILVA, Armando Barreiros e. **O populismo de Bolsonaro**: uma análise das eleições presidenciais brasileiras de 2018. Dissertação de Mestrado em Ciência Política defendida na Universidade do Minho – Escola de Economia e Gestão. Braga – Portugal, 2021.

VILLACAÑAS, José Luis. Populismo e antagonismo: uma crítica a Ernesto Laclau. **In** BARATA, André, COUTINHO, Luís Pereira e BRITO, Miguel Nogueira de (Orgs.). **Populismo e democracia**. Lisboa – Portugal: Edições 70, p. 161-185, 2021.

WALZER, Michael. **Política a paixão**: rumo a um liberalismo mais igualitário. Tradução de Patrícia de Freitas Ribeiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.